

Arco e flecha

Ronaldo dos Reis
Escola de Aplicação FEUSP

A experiência foi desenvolvida no ano de 2014, na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, com as turmas de 8ºanos, em que ainda não havia trabalhado. Entretanto, os alunos já haviam me encontrado em alguns momentos e, segundo disseram, percebiam que as minhas aulas de Educação Física proporcionavam outras experiências, pois até o momento, as aulas tinham cunho esportivo. As mudanças, quando aconteciam, eram voltadas para dança, especificamente, relacionadas à festa anual da escola.

Nas primeiras semanas do ano letivo iniciei o mapeamento perguntando o que eles tinham estudado e quais teriam sido suas vivências em anos anteriores, fiz uma lista sobre isso e lhes apresentei para que pudessem observar tudo que já haviam estudado e assim pudéssemos desenvolver um tema diferente. Comecei uma discussão comentando sobre lutas, e muitos me relataram sobre a capoeira, até que em algum momento um aluno, praticante de kung fu, trouxe o tema armas para o diálogo.

Neste instante, comecei a instigá-los sobre como seria estudar um tema assim, até que alguém falou: “Podíamos estudar arco e flecha, que o pessoal usava nas guerras”. Isto se tornou o estopim de uma nova discussão, “como iríamos estudar arco e flecha? “Quais dificuldades teríamos em relação aos materiais para confecção?”, mas também surgiram frases como “arco e flecha é coisa índio”, “isso aí é coisa de índio”. Essas frases despertaram o desejo de querer trazer essa discussão sobre os povos indígenas para dentro da sala de aula, por outro lado também constatado a partir de uma simples pesquisa sobre os materiais (arcos), identificamos os altos valores pagos por seus praticantes para a utilização em competições esportivas, bem como poderia os materiais seriam produzido pelos povos indígenas? Fiquei entusiasmado para realizar essa comparação e apresentar-lhes outras culturas.

Logo após o mapeamento, realizei em conjunto com a turma uma pesquisa em sites para verificarmos os valores pagos pelos praticantes da modalidade

esportiva, e observamos que os preços dos arcos e flechas eram muito caros. Questionei os alunos sobre quem poderia praticar esse esporte, já que o custo do equipamento era alto. Assim, pude fazer uma relação com a utilização pelos indígenas, bem como sua confecção a partir da pergunta: qual era a utilidade do arco e flecha para os indígenas e guerreiros do passado?

O objetivo deste questionamento era fazer com que eles refletissem e fizessem uma comparação sobre a utilização do arco e flecha pelos povos indígenas, para a modalidade esportiva e nas guerras, ou seja, qual era a função do artefato em cada um dos contextos.

Preparei uma sequência, selecionando alguns trechos de filmes como: *300*, *Tróia* e *Robin Hood*, para que observassem a presença do arco e flecha e suas funcionalidades nas guerras no passado. Também levei um vídeo sobre a cultura do povo Xavante, um dos grupos que deram origem aos jogos dos povos indígenas, mostrando a produção do arco e flecha, a utilização nos jogos, com o alvo no formato de peixes, bem como seu na caça de alimentos.

A partir desse vídeo, a turma teve a ideia de confeccionarmos o nosso próprio arco e flecha. Os alunos trouxeram de casa vários materiais, dentre eles um cano de PVC, o que achei inicialmente que seria inviável, mas posteriormente percebi que era o único material que disponibilizamos que permitia envergadura para a formação dos arcos, logo, prendemos os canos de PVC com corda de prumo que trouxe de casa, como ideia para as cordas e que fixasse bem.

Para confeccionar as flechas, fomos ao CEPEUSP procurar materiais que poderiam servir e encontramos bambu, pois ao tirar um pedaço da ponta já ficava com um bico pontiagudo, assim foi decidido fazer as flechas com bambu e fita adesiva para encapar, evitando que machucasse mãos.

Levamos cerca de duas a três aulas para produzir os arcos, as flechas e ter as primeiras ideias para a confecção dos alvos. Após a confecção, fomos para a vivência na quadra da escola. Inicialmente os alunos miravam no solo ou tentavam apontar em determinado lugar, pois ainda não tínhamos iniciado a confecção dos alvos. Para resguardar os estudantes de qualquer acidente, combinamos uma distância que as pessoas que estavam vivenciando deveriam permanecer dos demais.

Após algumas aulas vivenciando o esporte, percebemos que os alvos eram necessários para que a experiência fosse a mais próxima possível do real. Fizemos

uma pesquisa em conjunto na sala de informática para conhecer os modelos de alvo e entender como funcionava a pontuação em competições como os Jogos Olímpicos. Nos dias seguintes, os alunos trouxeram placas de papelão e, utilizando pincéis e tintas da escola, construímos os alvos. O que durou apenas uma aula, pois os papelões ficaram deteriorados pelos furos com as flechas.

Posteriormente, substituímos as placas de papelão por isopor, mas também logo notamos que não eram tão resistentes, devido à grande quantidade de tiros. Em função disso, iniciamos outra pesquisa e com alguns professores, descobrimos existir uma placa de isopor mais grossa e resistente. Após a pesquisa, conseguimos o material e construímos quatro alvos.

Posteriormente às vivências, apresentei um novo vídeo sobre os jogos indígenas, e a turma percebeu que os alvos eram diferentes nesse evento, pois alguns tinham formato de peixes, em outros casos desenhos específicos. Os estudantes decidiram confeccionar um alvo semelhante. Investigamos o assunto em sites específicos e, também, sobre as etnias que estavam nos jogos dos povos indígenas. Notamos que durante a competição, o ganhador além da medalha, sempre ficava com o título de melhor guerreiro.

Novamente, fomos ao CEPEUSP em busca de um espaço mais amplo e que proporcionasse maior liberdade aos alunos para a realização das vivências com arco e flecha. Além disso, o propósito da atividade, desta vez, era para praticar o esporte como os indígenas o faziam. Fixamos os alvos nos alambrados, determinando um espaço entre eles, para que houvesse uma distância segura entre os grupos.

Durante as aulas, os próprios alunos se organizaram de maneira que a atividade fluísse melhor e, assim, todos pudessem participar. Enquanto um grupo estava atirando, os outros ficavam responsáveis por buscar as flechas, somar pontos ou observar quem seriam os próximos.

Em outro momento do projeto, buscamos as regras básicas da modalidade esportiva tiro com arco (arco e flecha), presente nos jogos olímpicos, assistindo as competições de diferentes modelos de arcos na modalidade nos jogos olímpicos de Pequim (2008) e Londres (2012), observando uma predominância nas finais de países com origens asiáticas, posteriormente os estudantes organizaram-se em grupos e tentamos realizar, nos grupos organizados uma vivência próxima da competição que pudemos assistir em nossas pesquisas sobre os jogos.

A partir de um desse momento, comecei a refletir sobre as vivências dos alunos e qual seria o fechamento do projeto, pois é importante refletimos se as práticas estão fazendo sentido para os alunos, ou seja, quais conhecimentos estão efetivamente acessando. Logo, procurei observar o que ficaria do projeto para cada aluno. Entretanto, de inesperado, recebi um comunicado da direção, solicitando uma conversa sobre as aulas.

Apesar do pedido, inicialmente não interrompi o trabalho. Entretanto, acabei sendo convocado para uma reunião da qual participaram, além da direção, dois representantes de pais, questionando a escolha do tema a ser estudado, devido ao fato dos familiares não acreditarem que a temática “arco e flecha” seria um esporte, que poderia estimular a violência no momento que estudávamos a utilização de uma arma, enfatizando que as atividades de vôlei e corrida combinariam melhor com as aulas de Educação Física, além disso, uma mãe alegou que não se sentia segura, visto que durante as práticas poderia acontecer algum acidente.

Após ouvir as colocações, argumentei que arco e flecha também é um esporte, presente como modalidade nos Jogos Olímpicos, e com base nisso o trabalho iria ser desenvolvido, trazendo também um olhar para a cultura indígena e outros grupos que utilizavam o artefato.

A direção contra-argumentou que esse tipo de trabalho não dialogava com os princípios da escola, que são: respeito, diálogo e solidariedade. Questionei como o meu trabalho poderia estar fora desses princípios, mas não obtive uma resposta satisfatória, já que aparentemente existia uma visão cristalizada a partir de um discurso que não reconhecia outras manifestações culturais como possíveis temas para as aulas de Educação Física.

Após esse encontro, me reuni com a equipe de Educação Física, e dois professores se posicionaram a respeito. Uma professora se colocou dizendo que o trabalho com arco e flecha descaracterizava a Educação Física da escola, e que eu estaria tentando impor uma outra concepção. Já outro professor argumentou que não concordava com as atividades, mas que não poderia negar a coerência e não iria intervir, pois ele também não gostaria que alguém intercedesse em seu trabalho.

Naquela semana recebi uma advertência verbal informando que deveria adequar as aulas de acordo com as práticas da escola, e que uma professora iria me acompanhar para certificar-se.

Na primeira oportunidade, reuni os alunos e notifiquei-os que o projeto seria encerrado e expliquei as razões, o que aparentemente não foi bem recebido, pelos estudantes, nem pelos pais, segundo eles por ter sido duro em minhas palavras, apontando um certo preconceito por parte dos pais e de certa maneira dos estudantes, em relação a promover práticas corporais não hegemônicas no currículo de educação física historicamente. Fui convocado novamente pela direção para receber outra advertência, dessa vez escrita. A alegação era que havia colocado os alunos em situação vexatória. Fui avisado que teria um tempo para recorrer e realizar uma defesa, mas o caso não foi adiante.

Acredito que o projeto não pode ser concluído, ou seja, aprofundado, devido à direção não concordar com práticas distintas do convencional. Apesar de o projeto ter tomado este caminho, presumo que as aulas, para alguns alunos, foram importantes, pelo fato de terem acessado conhecimentos até então não abordados. Entretanto, para outros, o resultado talvez tenha sido o avesso, ou seja, mantiveram suas representações acerca das aulas de Educação Física ou, até, tenham reforçado a ideia de que o componente deveria tratar somente dos esportes hegemônicos.